

“Faça a coisa a certa”: O uso do cinema como ferramenta pedagógica para educação nas relações étnico-raciais

Rodolfo César Almeida da Silva

Orientador: Celso Gestermeier do Nascimento

**Campina Grande, Paraíba
Dezembro 2018**

Prédio do CH – 5º andar. Sala: 507
R. Aprigio Veloso, 883 – Bairro Universitário
Universidade Federal de Campina Grande –UFCG

“Faça a coisa a certa”: O uso do cinema como ferramenta pedagógica para educação nas relações étnico-raciais

Rodolfo César Almeida da Silva

Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico- Raciais da Rede Nacional de Formação Continuada da Universidade Federal de Campina Grande, SECADI/MEC, como requisito para a obtenção do Título de especialista.

Orientador: Celso Gestermeier do Nascimento

**Campina Grande, Paraíba
Dezembro 2018**

“Faça a coisa a certa”: O uso do cinema como ferramenta pedagógica para educação nas relações étnico-raciais

Rodolfo César Almeida da Silva

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de especialista do Programa de Pós- Graduação do Curso de Especialização em Educação para as Relações Étnico- Raciais da Rede Nacional de Formação Continuada da UFCG/ SECADI/MEC, em comissão formada pelos professores:

BANCA EXAMINADORA

**Celso Gestermeier do Nascimento –
PRESIDENTE DA BANCA**

**José Pereira de Sousa Júnior –
EXAMINADOR(A) INTERNO (A)**

**EXAMINADOR(A) EXTERNO(A) –
Fabiano Badu de Souza**

Data de defesa e aprovação:

____/____/____

“Faça a coisa a certa”: O uso do cinema como ferramenta pedagógica para educação nas relações étnico-raciais.

Rodolfo César Almeida da Silva¹

Resumo

Este artigo faz uma abordagem teórico-metodológica de como utilizar obras cinematográficas como ferramentas didáticas no ensino de História na educação básica, envolvendo as temáticas relacionadas à educação étnico-racial. Com a finalidade de problematizar sugestões que podem ser usadas por professores/as na aplicação de filmes como mecanismos pedagógicos. Com essa finalidade, foram realizadas revisões bibliográficas em conjunto com análise do filme “Faça a coisa certa” (1989), do cineasta estadunidense Spike Lee, apresentando sugestões de como melhor utilizar cenas específicas da película analisada dentro do contexto escolar. Percebeu-se através das questões levantadas nesse artigo que existe uma multiplicidade de aplicações para as obras fílmicas em sala de aula, e que podem ser um interessante meio para levar para o centro do debate no contexto escolar eixos temáticos direcionados a questão étnico-racial. Os pontos apresentados nesse trabalho têm como alvo, abrir as possibilidades para a utilização por parte dos docentes, o uso cinema como uma ferramenta para criar empatia no alunado com as discussões étnico-raciais no seu cotidiano.

Palavras-Chaves: Étnico-Racial, Ensino de História, Cinema.

Abstract

This article makes a theoretical-methodological approach on how to use cinematographic works as teaching tools in the teaching of History in basic education, involving themes related to ethnic-racial education. With the purpose of problematizing suggestions that can be used by teachers in the application of films as pedagogical mechanisms. For this purpose, bibliographical reviews were carried out together with an analysis of the film "Do the Right Thing" (1989) by the American filmmaker Spike Lee, presenting suggestions on how best to use specific scenes of the film analyzed within the school context. It was noticed through the questions

¹ Graduado em licenciatura em história pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), aluno do curso de especialização em educação para as relações étnico-raciais da UFCG desde 2017. Também é Professor da rede estadual da Paraíba desde ano de 2015 e da rede estadual do Rio Grande do Norte desde 2017. O email para contanto é: rodolfopb2@gmail.com.

raised in this article that there is a multitude of applications for film works in the classroom, and that can be an interesting way to bring to the center of the debate in the school context thematic axes directed to the ethnic-racial question. The points presented in this paper are aimed at opening up the possibilities for teachers to use, cinema as a tool to create empathy in the pupil with the ethnic-racial discussions in their daily lives.

Keywords: Ethnic-Racial, History Teaching, Cinema.

Introdução

Um dos grandes objetivos do curso de especialização em educação para relações étnico-raciais, no qual, é oferecido pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), e organizado pela Unidade Acadêmica de História (UAH), é abrir a possibilidade de ferramentas pedagógicas a serem trabalhadas pelos docentes da rede pública e privada da educação básica, quando o eixo temático norteador são relações étnico-raciais. Este artigo foi produzido a partir das minhas inquietações durante o período que fui discente dessa pós-graduação, e por compreender que deveria trabalhar uma questão no meu ponto de vista, que pudesse criar empatia diante do meu alunado sobre os debates propostos dos eixos temáticos direcionados as relações étnico-raciais no componente curricular História.

Entendi que antes de criar essa curiosidade diante dos meus alunos sobre as questões específicas das relações étnico-raciais, deveria buscar uma metodologia de como o catalisar o debate, no qual, pretendo propor em sala de aula².

Decidir que a melhor forma de tornar atrativa aos discentes à temática que decidir trabalhar seria a de usar o cinema como ferramenta pedagógica, compreendendo que as películas não são apenas uma fonte documental que pode ser usada em sala de aula como uma simples ilustração do passado, entendendo que como documento histórico a produção fílmica é uma construção do seu idealizador, e que é influenciado pelo contexto histórico e pela sociedade no qual está inserido como defende NAPOLITANO (2008).

E, buscando utilizar o cinema da forma mais pedagógica possível, entendendo as particularidades dessa nova geração de discentes, e que os filmes que são utilizados em sala de aula devem seguir algumas regras metodológicas, com a finalidade de tornar sua exibição no círculo escolar um fator diferenciado, e não como um simples exemplo de ilustração de um passado que está sendo abordado e discutido entre o docente com os seus discentes. Por isso, o professor

² As metodologias de ensino apresentadas nesse artigo não chegaram a ser executadas durante as minhas aulas, ou pelo menos não resolvi fazer um estudo com a finalidade para este trabalho que visassem um estudo empírico sobre as ferramentas pedagógicas, no qual, uso ou pretendo usar em sala de aula.

deve seguir regras metodológicas com a finalidade de não cometer falhas didáticas e pedagógicas no ensino da história, como problematiza PEREIRA & SILVA (2014).

Sobre a questão da metodologia que pretendo abordar em minhas aulas irei propor oficinas temáticas e debates propositivos relacionando com uma prática metodológica que já trabalhei na docência durante os meus quatro anos, como, professor de história da educação básica (no ensino fundamental II e no ensino médio), porém tendo o cuidado de buscar no cinema uma ferramenta pedagógica que possa ser utilizada de forma dinâmica, e que consiga dialogar com os demais mecanismos do ensino.

Para tal, a temática que escolhi como eixo norteador a ser trabalhado em sala de aula que discuto neste trabalho é o lugar que os sujeitos e as sujeitas negras se veem na sociedade, e como eles demonstram orgulho de sua cultura e costumes, e acima de tudo como, isto é, perceptível no cotidiano da nossa sociedade.

Com esse fim levantamos questões que podem ser bastante debatidas no contexto escolar sobre as relações étnico-raciais, sob o viés da cultura e da representação no cotidiano, partindo como base para isso a utilização do filme “Faça a coisa certa” (1989) do cineasta afro estadunidense Spike Lee. A obra fílmica produzida, escrita e dirigida por Lee apresenta vários pontos que podem ser abordados sob o viés da educação para as relações étnico-raciais. A nossa escolha foi analisar o uso da cultura como ferramenta dos personagens do filme para entender sua função e o seu lugar no ambiente que estão inseridos as inter-relações multiétnicas que estão se fazendo presente no cotidiano da comunidade apresentada na película.

Resolvemos dividir o nosso artigo em três partes. No primeiro momento fizemos uma breve contextualização histórica para o leitor sobre o período histórico que o filme está inserido e o local, no qual, foi produzido, se atendo as particularidades históricas do país que ele foi produzido os Estados Unidos da América durante o final dos anos 1980, com o foco principal a cidade de Nova York, de preferência os bairros negros³.

Na segunda parte fazemos uma análise do cinema como fonte histórica, compreendendo, como, funciona a relação história e cinema, a partir do viés pedagógico, ou seja, de que forma o cinema pode ser um mecanismo pedagógico importantíssimo no ensino de história, principalmente sob a perspectiva étnico-racial.

E, por último, realizamos um debate sobre as questões mais direcionadas ao filme que é a fonte primária deste artigo. Apresentando um breve resumo da biografia de Spike Lee, analisando como ele se utiliza de sua arte, como, plataforma política pela igualdade étnico-racial e contra o racismo na sociedade estadunidense, e também a importância da sua produção cinematográfica “Faça a coisa certa” (1989), no contexto no qual ele foi lançado. Posteriormente, iremos focar mais nas questões levantadas pelo filme “Faça a coisa certa” (1989), sob o pretexto de compreender a cultura e os costumes do cotidiano de alguns personagens afro

³ Em “Faça a coisa certa” a trama se passa no bairro do Brooklyn em Nova York, em um setor considerado majoritariamente de presença étnica negra.

estadunidense que são apresentados no filme, entendendo como eles se veem, e principalmente, como, eles valorizam sua etnia, partindo sob o viés do aspecto cultural e dos costumes. Buscando compreender como cada personagem citado usa das estratégias cotidianas para viver no ambiente representado no filme. E relacionando, como, isso pode ser utilizado em sala de aula, como ferramenta pedagógica para mostrar as mais variáveis práticas culturais da cultura negra no Brasil, mesmo que o filme utilizado esteja localizado em outra sociedade e país.

As mudanças políticas, sociais e econômicas nos Estados Unidos nos anos 1980 e a consequência para as minorias dos bairros periféricos de Nova York

Os finais dos anos 1980 foram marcados por um período de várias mudanças no contexto histórico e social local dos Estados Unidos e do mundo. A queda do muro de Berlim, grande símbolo da Guerra Fria travada entre Estados Unidos e União Soviética havia caído, agregado a isso, vários regimes socialistas foram desmoronando no Leste Europeu até o fim da União Soviética em 1991. Essas mudanças no contexto externo influenciaram em modificações no cenário interno dos Estados Unidos, o inimigo externo “havia sido derrotados”. Logo questões internas passaram ser mais evidenciadas.

Uma das principais pautas da sociedade estadunidense, principalmente a partir da segunda metade do século XX foi à luta dos afros estadunidenses por direito a igualdade social, política e econômica com a parcela majoritária da população, os descendentes dos imigrantes europeus que vieram para as treze colônias inglesas, e posteriormente para o país emancipado Estado Unidos da América.

O ápice dessa luta foi o movimento dos direitos civis que ocorreu durante toda a década de 1960, que possuíam, como, grandes lideranças o reverendo cristão Martin Luther King Jr, e um dos líderes bastante proeminente da Nação Islã⁴, Malcolm X. Ambos foram assassinados na própria década de 1960, o primeiro em 1968 e o segundo em 1965, todavia a importância que eles deixaram na luta contra o racismo e por igualdade racial nos Estados Unidos é referência até hoje nos movimentos negros contemporâneos estadunidenses.

Porém, as conquistas sociais e política obtida pelos afros estadunidenses nos anos 1960 através do movimento dos direitos civis, passaram a serem desconstruídas por governos republicanos conservadores entre os anos 1970 e 1980, primeiro com Richard Nixon (1969-1974), e depois nos governos de Ronald

⁴ A Nação do Islã é um grupo islâmico que surgiu em 1930, criado por Wallace Fard Muhammad, considerado tanto o Messias do Judaísmo quanto o Mahdi do Islamismo. O grupo tinha como objetivo conduzir o “retorno” dos pretos à origem africana e islâmica, e fundar uma nação negra. Consideravam que a palavra “negro” era consequência da escravidão, então, se intitulavam “muçulmanos pretos”. Retirada do site: <https://medium.com/@chorarthur/na%C3%A7%C3%A3o-do-isl%C3%A3-malcolm-x-e-o-novo-partido-dos-panteras-negras-4c211fe6c974>. Em 07/12/2018 às 17h25min.

Reagan (1981-1989) e de George H. W. Bush (1989-1993). Leandro Karnal faz referência a isso em seu livro “História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI”, como é demonstrado no seguinte trecho:

Permaneceram alguns dos direitos políticos formais conquistados nos anos 1960 e 1970 por mulheres, negros e imigrantes, como a proibição da discriminação racial e sexual na sociedade civil e nas políticas públicas. A discriminação aberta contra mulheres, minorias raciais, gays e lésbicas tornou-se bem mais rara na linguagem, na cultura popular, na mídia e sociedade “educada”. Mas o progresso em direitos sociais e a expansão de liberdades não seguiram uma trajetória linear: mudanças econômicas, fragmentação dos movimentos sociais, novas contestações políticas e velhos problemas sociais também marcaram as décadas de 1980 e 1990. (KARNAL, 2007, p. 263)

Percebemos que segundo KARNAL (2007), os avanços sociais conseguidos durante os anos de 1960, principalmente durante os governos de Lyndon B. Johnson (1963-1969), de certa forma regrediram durante os anos 1980, todavia é interessante perceber que isto não aconteceu por questões estruturais de supostas práticas institucionalizadas racistas dos governos republicanos dos anos 1980, segundo KARNAL (2007), as políticas neoliberais iniciadas por Reagan e continuada por Bush Sr, excluía as classes menos abastadas do cenário econômico, e por as minorias raciais (negros e latinos) estarem representado em sua maioria este substrato social, portanto as políticas econômicas empreendidas por esses governos afetaram diretamente esse grupos étnicos:

Diante das dificuldades de conseguir lucros no mesmo nível de antes e das pressões da competição global, as corporações introduziram novos métodos de produção e gerenciamento para melhorar a produtividade, resultando em reduções em salário e mais desemprego. Uma minoria pequena no topo da sociedade enriqueceu, enquanto grande parte da população viu sua renda estagnar ou declinar. (KARNAL, 2007, p.257)

Os anos 1980 também proporcionaram mudanças no cenário étnico dos Estados Unidos, com a inserção na sociedade estadunidense de etnias das mais variáveis, tornando as grandes metrópoles estadunidenses centros culturais multiétnicos. Por exemplo, Nova York a cidade mais populosa dos Estados Unidos foi uma das grandes metrópoles que passou por essa transformação, nos anos 1980 principalmente nos bairros periféricos de Nova York que ficavam mais distante de Manhattan e do centro financeiro, se tornaram ambientes multiculturais, as pessoas que viviam nesses bairros que eram em suma majoritariamente negros, tiveram que se adaptar com os novos moradores, imigrantes que representavam diversas etnias:

Cidades grandes, como Los Angeles, Nova York, Chicago e Miami, tornaram-se cada vez mais multiculturais, trazendo novas contribuições à

sociedade americana e fomentando debates sobre o impacto dos “novos americanos” na educação, no trabalho e na cultura.

(KARNAL, 2007, p.264)

Nessa breve contextualização histórica, percebemos que os ganhos dos anos 1960, principalmente sob ponto de vista de política social e econômica foram em grande medida perdidos durante os anos 1970, e principalmente durante a década de 1980, a política econômica neoliberal iniciada por Reagan, e mantida pelo seu sucessor Bush Sr., ocasionou uma grande consequência que foi o aumento da desigualdade social entre as minorias, principalmente os afro-estadunidenses com a parcela mais rica da população de origem branca, e que por consequência agravou os problemas raciais e sociais dos Estados Unidos, apesar dos avanços conseguidos nas décadas anteriores:

A situação econômica nos guetos negros dos centros das cidades piorou ao longo dos anos 1970 e 1980. Um terço da população negra ficou abaixo da linha de pobreza, sem recursos suficientes para educação e outros serviços públicos, carente de emprego, treinamento e oportunidade (...). A redução do estado de bem-estar, ao longo dos anos 1980 e 1990, também piorou as condições da vida de negros desproporcionalmente em relação aos brancos. Frustração com o racismo ainda existente, poucas oportunidades econômicas e violência policial provocaram vários motins urbanos desencadeados por questões raciais em Miami, Nova York e outras cidades nos anos 1980 e 1990.

(KARNAL, 2007, p.265)

O cinema como ferramenta pedagógica

A relação entre cinema e história remete ao período que se iniciou as primeiras produções fílmicas, na época do cinema mudo. Já naquele momento, podia-se perceber o interesse dos cineastas em relatar a partir do cinema sua visão sobre determinados fatos históricos. Porém, o interesse entre essas duas áreas naquele momento (final do século XIX e início do XX) não era mútuo, isso porque enquanto os cineastas consideravam os eventos históricos, como, episódios que poderiam ser representados nas suas produções. Já os historiadores influenciados pela historiografia da escola metódica e das duas primeiras gerações do Annales, não tratava as produções fílmicas como fontes documentais, que poderiam ser utilizadas na abordagem e na problematização de um evento ou um período histórico:

O cinema descobriu a história antes de a História descobri-lo como fonte de pesquisa e veículo de aprendizagem escolar. No início do século xx, os "filmes históricos" quase foram sinônimo da ideia de cinema, tantos foram os filmes que buscaram na história o argumento para seus enredos.

(DUTRA, 2000 apud NAPOLITANO, 2008, p.240)

O historiador que foi um dos pioneiros no estudo historiográfico sobre a utilização do cinema como fonte histórica foi o francês Marc Ferro em seu livro “Cinema e História”, lançado pela primeira vez em 1977, FERRO (1977) analisa como, o cinema foi utilizado pelos estados totalitários europeus (soviético, nazista e fascista italiano) nas décadas de 1920 e 1930 através da propaganda oficial do Estado, ele também apresenta regras que o historiador deve seguir quando foi utilizar as produções fílmicas, como, documento histórico. Todavia, a abordagem pioneira de Ferro sobre a relação de história e cinema vem sendo questionada por alguns historiadores que acreditam que de certa forma, Ferro se limita bastante as produções fílmicas de perfil documentário, deixando de lado as produções chamadas de ficcionais. Além de não dá a real importância à interferência externa e interna que as produções fílmicas podem sofrer durante o momento que está sendo filmado, e no momento de pós-produção, como NAPOLITANO (2008) pontua de maneira contundente nesse trecho:

A preferência historiográfica pelos *actuality films* e a desconfiança em relação à "manipulação" do material filmado são tributárias originalmente de uma tradição iniciada por Marc Ferro, que possui o mérito de ter sido dos primeiros historiadores de ofício a refletir sobre o filme como material de pesquisa, numa perspectiva além da História do cinema *stricto sensu*. Entretanto, seu ponto de vista teórico compartilha a crença de que o documento fílmico possui valor de "testemunho" indireto e involuntário de um evento ou processo histórico e sua veracidade ou não estaria diretamente ligada à manipulação intencional dos realizadores (edição, trucagem, censura), no sentido de deturpar o seu conteúdo original.
(NAPOLITANO, 2008, p. 243)

Após essa breve síntese de como e quando iniciou a participação dos eventos históricos nas produções fílmicas, e também como a historiografia passou a entender a importância do cinema como documento histórico, e as formas de leituras atuais da historiografia ao cinema como fonte histórica.

Agora iremos problematizar os caminhos metodológicos do uso das obras fílmicas em sala de aula, se preocupando em analisar sob o ponto de vista didático, o uso dessa ferramenta pedagógica nas salas de aula no componente curricular história.

Um trabalho interessante que analisa essa problemática é o artigo produzido e escrito pelas professoras e pesquisadoras Lara Rodrigues Pereira & Cristiani Bereta da Silva, intitulado Como utilizar o cinema em sala de aula?

Notas a respeito das prescrições para o ensino de História (2014).

PEREIRA & SILVA (2014) realiza um trabalho dividido em duas partes, na primeira elas realizam uma revisão bibliográfica junto com uma contextualização histórica sobre algumas metodologias que já foram utilizadas sobre o uso dos filmes (ficcionais, educacionais e documentários) em sala de aula na história educacional do Brasil.

Problematizando a partir de dois autores Marco Napolitano e Jonathas Serrano, no qual, apesar de estarem localizado em momentos históricos distintos, deixando claro que não foi o foco das autoras fazer uma análise comparativa entre a produção bibliográfica de ambos. Na segunda parte é uma análise empírica de livros didáticos de história do ensino fundamental II, realizando um estudo de como determinadas coleções didáticas utiliza o cinema, como, mecanismo pedagógico para o público alvo (adolescentes da faixa etária entre 10 e 15 anos). Neste artigo iremos fazer de uso de alguns trechos direcionados a primeira parte do artigo de PEREIRA & SILVA (2014), no qual elas problematizam questões inerentes a autores que já escreveram sobre o uso do cinema em sala de aula.

Sobre a utilização de Napolitano e Serrano, PEREIRA & SILVA (2014) deixam bastante claro o local e o contexto histórico, no qual, estão inseridos. Preocupando-se mais em analisar as abordagens didáticas dos filmes em sala de aula, sob o ponto de vista de cada autor, e também como o contexto histórico influenciou nas análises distintas sobre o uso do cinema em sala de aula.

Jonathas Serrano foi um historiador e pedagogo brasileiro do início século XX. Influenciado pelo pensamento escola metódica, entendia que a história deveria ser contada somente, a partir, de documentos históricos oficiais e legitimados pelo Estado. Esse raciocínio é presente quando ele observa as formas consideradas corretas de utilizar o cinema em sala de aula, na sua visão filmes ficcionais ou documentários sem serem organizados pelo Estado não deveria ser usados como ferramenta pedagógica em sala de aula:

Não sou dos que se entusiasma exageradamente com as possíveis aplicações do Cinema ao ensino da História. Parece-me que há certos equívocos na apreciação do assunto. Pelo que tenho observado, há muitos anos, os chamados filmes históricos não satisfazem as indeclináveis exigências de um verdadeiro filme educativo. Podem até, não raro, ser contraproducentes. Além de não servirem, pela grande metragem, a utilização propriamente escolar, são quase sempre inçados de anacronismos, de suposições infundadas, quando não de erros. Na melhor das hipóteses, são ensaios, mais ou menos aproximados, de reconstituições, de ambientes e tipos.

(SERRANO, 1935 apud PERREIRA & SILVA 2014, p.320)

Percebe que na visão de Serrano, a utilização de filmes que fazem do uso de episódios históricos, para serem usados em sala de aula, como ferramenta pedagógica é prejudicial para aprendizagem do alunado na disciplina de história, sendo na ótica dele pode ser apenas usado, como, um mecanismo aproximado sobre a ilustração de ambientes de um determinado fato histórico, no qual, o docente pretende trabalhar em suas aulas.

Marco Napolitano já entende de forma diferente, com a formação de historiador pós-mudanças oriundas na historiografia da Nova História nos anos 1970, ele compreende segundo PERREIRA & SILVA (2014) de maneira distinta as

formas de entender a relação de história e cinema, e como ela pode ser utilizada em sala de aula.

Segundo PERREIRA & SILVA (2014), na visão de Marco Napolitano, o cinema como um documento histórico, ele depende dos pontos de vistas que o pesquisador/professor quer analisar, logo não tem na visão dele tanta importância se o filme é um documentário ou uma ficção comercial, o eixo da questão é como essa obra pode ser utilizada em sala de aula, levando em consideração os códigos próprios do cinema (edição, mixagem, posição da câmera, interferência externa do executivo da produtora de cinema, entre outros fatores que podem modificar o sentido, no qual o cineasta quer se propor para o seu espectador sobre seu filme).

Logo, filmes que não foram pensados para servirem como objeto didático, são obras que necessitam uma análise pré-exibição em sala por parte do professor, buscando apresentar as sequências que podem contribuir ou trazer uma análise diferenciada das discussões e dos debates propostos em sala de aula:

É importante lembrar que este livro irá se concentrar nas possibilidades de trabalho escolar com o cinema comercial (ficção ou documentário) e não nos vídeos educativos. Portanto, vamos analisar e discutir obras que não foram produzidas diretamente para o uso didático em sala de aula, mas para a fruição estética na sala de projeção. [...] Dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre uma possibilidade para o trabalho escolar.

(NAPOLITANO, 2009 apud PERREIRA & SILVA 2014, p.322)

Todavia, tanto Serrano, como Napolitano tem visões parecidas sobre o cuidado de apresentar uma obra fílmica que não caía no erro do anacronismo, ou pensando sob a ótica de Napolitano, entendendo os motivos que esse anacronismo está presente nesse filme, e compreendendo as intenções do diretor do filme por essa escolha. É interessante que PERREIRA & SILVA (2014), usam desse ponto de interseção entre os autores, para defender a melhor forma, na visão delas, do uso mais atrativo ou correto do cinema em sala de aula que é aquele que não exclui obras ficcionais, educativa ou documentária, e sim que analisa o interesse, e o que pode ser realmente produtivo na aprendizagem dos discentes:

O anacronismo também é apontado por Napolitano como uma armadilha a ser driblada pelo professor no trato com o cinema em sala de aula, o que aponta para certa permanência correlata ao tema, uma vez que também era uma preocupação de Serrano.

(PERREIRA & SILVA, 2014, p.322)

A valorização da cultura negra em “Faça a coisa certa” e o seu uso como ferramenta pedagógica no ensino de história na educação básica

O filme “Faça a coisa certa” (1989) foi à obra que possibilitou o reconhecimento internacional e nacional de Spike Lee, apesar de ter iniciado sua

carreira com filmes de longa metragem em “Ela quer tudo” (1986), é com a produção de 1989 que ele consegue alçar ares maiores. Com uma película impactante, que com seu final escancara o racismo estrutural e institucionalizado que ainda permanece nos Estados Unidos, mesmo após duas décadas dos movimentos dos direitos civis, representado principalmente a partir da violência dos órgãos opressores do Estado:

(...)Pois bem, *Faça a Coisa Certa* estreou em 30 de Julho de 1989, e da mesma forma que a película fez nos sentir incomodados com o calor, a temperatura nas salas de cinema também esquentou. Em Cannes, o filme foi avassalador e concorreu até mesmo à Palma d’Ouro, não ganhando, mas sendo um dos filmes mais discutidos no Festival.
(BRANDÃO, 2017, p. 73)

Sobre Spike Lee, BRANDÃO (2017) escreve que ele nasceu em 1957 em Atlanta na Geórgia, filho de uma professora de artes e literatura, e de um músico de Jazz, a arte como uma forma de criar mecanismos para realização de uma crítica social sempre esteve presente na vida dele, desde tenra infância. Porém foi só aos 19 anos que ele despertou pra o mundo cinematográfico, a partir de filmagens amadoras que realizavam com uma câmera Super 8 das ruas e do cotidiano da cidade de Nova York (desde 3 anos de idade Lee morava em Nova York com a sua família).

A carreira cinematográfica de Spike Lee foi marcada por películas com grande impacto na compreensão e na proposição de debates relacionados à questão das relações étnico-raciais, podemos citar, como exemplo, “Febre na Selva” (1991), “Malcolm X” (1992), “A Hora do Show” (2001), até as produções mais recentes, como, “Infiltrado na Klan” (2018). São filmes que apresentam temáticas, como, o racismo institucional dos órgãos opressores e de controle do Estado, herança do passado histórico de opressão aos africanos que vieram para os Estados Unidos, como escravos, e sobre a vida dos seus descendentes pós-abolição, resistência dos movimentos políticos negros e a cultura negra como, mecanismo de resistência ao racismo estrutural da sociedade estadunidense são temáticas sempre constantes nas películas de Lee.

Isso se deve muito ao caráter militante que Spike Lee quer deixar na sua filmografia, e de certa maneira ele retrata nos seus filmes seu próprio lado militante em defesa da luta racial nos Estados Unidos e no mundo. BRANDÃO (2017) relata que essas características se fazem presente no conjunto da obra de Lee desde sua primeira película, e que o sucesso comercial e de crítica intensificou ainda mais esse lado de Lee, percebendo isso de forma clara no seu terceiro filme “Faça a coisa certa” (1989), se comparando aos seus dois longas-metragens⁵ anteriores, é o que deixa mais escancarado à crítica social ao racismo que se mantinha bastante enraizado na cultura e na sociedade estadunidense, mesmo após as várias

⁵ Antes de lançar “Faça a coisa certa” (1989), Spike Lee também produziu outros dois longas metragens “Ela quer tudo” (1986) e “Lute pela coisa certa” (1988).

conquistas das décadas anteriores, sobre o lado militante de Spike Lee, BRANDÃO (2017) destaca:

O caráter militante e de indignação contra o racismo, também se via presente, e se estamos falando de Spike Lee, nem ao menos em suas entrevistas a sua *língua foi segurada*: desde seu primeiro filme fica claro a sua posição política e seu ativismo social – e o fator diferente disso tudo é que cada vez mais ele estava ganhando visibilidade e ninguém estava se importando muito.

(BRANDÃO, 2017, p. 68)

A maneira visceral da crítica realizada por Spike Lee em “Faça a coisa certa” (1989) ao racismo estrutural presente na sociedade estadunidense durante a década de 1980 através das suas instituições e nas práticas cotidianas levou a crítica especializada do cinema de setores da imprensa dos Estados Unidos, a tecer críticas pesadas à construção narrativa da produção de Lee de 1989. Considerava que o final traumático do filme levaria uma interpretação revolucionária por parte dos homens e mulheres negras dos Estados Unidos contra o Estado e uma sociedade escancaradamente bastante racista em sua boa parte ainda em meados dos anos 1980:

E justamente por *cutucar feridas* antes nem ao menos expostas na sociedade estadunidense, Spike Lee não recebeu só críticas positivas como a de Ebert. Pelo contrário, alguns críticos condenaram ferrenhamente o novo filme do cineasta. Tais críticas negativas, logicamente nos mostram opiniões pessoais sobre as construções dos elementos narrativos do filme, que realmente podem não agradar a todos. Entretanto, fazendo uma análise dessas críticas, conseguimos muito mais vermos discursos e posições políticas a serem defendidas, do que propriamente anotações sobre a cinematografia do mesmo, nos revelando muito mais sobre a sociedade que está assistindo e escrevendo sobre o filme, do que sobre o próprio filme em si.

(BRANDÃO, 2017, p. 74)

A resposta de Spike Lee a essas críticas foram ainda mais contundentes no sentido da defesa do seu argumento, da permanência de um racismo estrutural dentro das relações sociais nos Estados Unidos. Na visão de Lee, a ideia de que sua obra iria acender um barril de pólvora nas relações étnico-raciais de negros com as demais etnias que faziam parte da sociedade estadunidense era considerar que homens e mulheres negras não possuíam a devida noção de interpretação da proposta narrativa apresentada por Spike Lee em “Faça a coisa certa” (1989), que seria de mostrar a permanência do racismo estrutural nos Estados Unidos, e que uma possível solução para o problema somente seria alcançada, a partir de um debate, no qual, os sujeitos das diversas etnias existentes nos Estados Unidos na época se fizessem presente:

Quando questionado se sua memória lembrava de pessoas que condenaram o filme, essas mesmo que alegaram que *Faça a coisa certa* iria atizar uma revolução baseada no conceito de raça, Spike Lee foi contundente e os acusou claramente de racismo escancarado, uma vez que eles começaram a considerar que os negros não seriam capazes de discernir o que era certo ou errado após assistirem um filme. Para Lee, eles estavam subjugando a inteligência dos africano-americanos, bem como os chamando de “selvagens”.

(BRANDÃO, 2017, p. 77-78)

Após esses breves apontamentos da biografia de Spike Lee e sobre a recepção do filme na época por setores da crítica especializada em cinema dos Estados Unidos. Iremos destrinchar algumas questões relacionadas ao filme que serve, como, a fonte primária deste artigo “Faça a coisa certa” (1989). Na nossa análise levaremos em consideração algumas questões que devem ser tomadas pelo historiador com relação ao uso de uma obra cinematográfica, como, documento histórico, que seria de se ater as questões técnicas e os códigos próprios de uma produção cinematográfica, como NAPOLITANO (2008), destacam nesse trecho do seu artigo sobre a utilização de fontes audiovisuais por parte dos historiadores:

Mesmo que o historiador mantenha sua identidade disciplinar e não queira se converter em comunicólogo, musicólogo ou crítico de cinema, ele não pode desconsiderar a especificidade técnica de linguagem, os suportes tecnológicos e os gêneros narrativos que se insinuam nos documentos audiovisuais, sob pena de enviesar a análise.
(NAPOLITANO, 2008, p.238)

Partindo, desse entendimento de que em uma análise historiográfica de uma obra fílmica, o historiador tem que se aterem também as questões técnicas e os códigos próprios dessa plataforma artística. Iremos iniciar a nossa análise, propriamente dita, do filme “Faça a coisa certa” (1989).

Em “Faça a coisa certa” (1989), Spike Lee narra os eventos de um dia de calor no verão nova yorkino em um bairro da região Brooklyn, Bedford-Stuyvesan, uma das regiões mais pobres da metrópole, e no qual, a população majoritariamente é composta por sujeitos identificados a minorias étnicas (negros e latinos). Todavia, o principal estabelecimento comercial do bairro é uma pizzaria comandada por um ítalo-americano Sal (Danny Aiello) e por seus filhos Pino (John Turturro) e Vito (Richard Edson), que são auxiliados por Mookie (Spike Lee), um morador da localidade. Após uma discussão entre Sal e Buggin Out/Chatonildo (Giacarlo Esposito), sobre a reclamação de Buggin Out/Chatonildo com relação a não presença de personalidades negras na “parede da fama” da pizzaria. Esse evento banal desencadearia uma discussão maior que resultaria em um final trágico.

Em seu terceiro longa-metragem, Spike Lee inicia a história com a fala do dono da rádio “Love” (Samuel L. Jackson) que está localizada no centro do bairro, o filme também se encerra com uma fala do dono da rádio “Love”, logo é uma questão interessante, porque Lee trata a narrativa temporal do filme, como, estivesse ligada a transmissão da emissora de rádio local.

Analisando essa questão do recorte temporal do filme, por tratar-se de um filme que se propõe em relatar fatos que estão presos no período de 24 horas (o filme inicia no sábado de manhã e encerra-se no domingo de manhã), é uma escolha bastante feliz, isso porque ele terá uma liberdade maior de intensificar as relações interpessoais das pessoas no cotidiano narrado no filme.

Optamos por basear as nossas discussões sobre o filme “Faça a coisa certa” dentro desse artigo, em uma análise de cinco personagens, e em suas relações com os demais sujeitos/as e núcleos da trama. Essa escolha não tem como objetivo em excluir os múltiplos personagens que se fazem presente na narrativa do filme, e sim em tentar sistematizar com a finalidade que propusemos lá no início do artigo, de realizar uma análise historiográfica do filme, que também possibilitasse abertura para o uso dela em sala de aula.

Após essa breve justificativa, resolvemos analisar os seguintes personagens Mookie (Spike Lee), Buggin Out/Chatonildo (Giacarlo Esposito), Mayor/Prefeito (Ossie Davis), Rádio Raheem (Bill Nunn) e Smiley/ Sorridente (Roger Guenveur Smith).

Mookie pode ser considerado o protagonista do filme, porém Spike Lee não deixa claro isso, talvez tenha sido uma escolha dele em diluir entre os personagens um grau de importância no desenrolar do enredo, tornando história sem um protagonista claro, mas sem dúvida nenhuma Mookie é o personagem que mais aparece em cena e que tem mais fala e mais abrangência de relacionamento com outros personagens do filme. Sobre ele, no filme ele é retratado como um jovem negro que vive com sua irmã Jade (Joie Lee), e que tem uma namorada chamada Tina (Rosie Perez), com quem tem um filho Hector. Além disso, Mookie é entregador de pizza da pizzaria do Sal (Danny Aiello). Porém, as relações de Mookie não se resumem a esses personagens supracitados, devido ter um emprego que necessita se locomover pelo bairro para entregar pizza, ele acaba interagindo-se com outros sujeitos, a exemplo, de Mother sister (Ruby Dee), que faz esse papel de “mãe” em relação a todos os personagens mais jovens do bairro, que possuem respeito em relação a ela, e Mookie é um deles.

Todavia, para entender a construção do personagem Mookie, por parte de Spike Lee, temos que entender algumas características e escolhas do diretor. Primeiro, ele é retratado, como um cara descompromissado, que não tem muita preocupação com o emprego ou com relacionamento com Tina e seu filho, sobre isso é importante analisar a preocupação de Lee em destacar essas características de Mookie através das roupas que ele usa, e também a partir da forma que ele anda isso porque, ele sempre usa roupas extremamente folgadas e cheira de cores, poderia se argumentar que era devido à questão climática, no qual, ele está inserido de um verão em Nova York com temperaturas altíssimas, porém, no nosso entender essa questão pode ter sentido também sobre a escolha de vestimentas de Mookie, mas, a ideia de usar roupas sempre folgadas pode-se ligar sim a esse seu jeito descompromissado.

Com relação à forma de andar de Mookie, é um ponto interessante de destacar, pelo motivo de que pela exigência da sua profissão (entregador de pizza), ele poderia estar sempre correndo através das ruas do bairro, porém ele não é retratado dessa forma, Lee o retrata como um sujeito que descansa um pouco na esquina, que inicia um diálogo sobre assuntos banais com amigos sem nenhuma preocupação com o tempo, que é uma das chaves do seu trabalho, quanto mais rápido ele entregar pizza, mais entregas ele irá realizar, e por consequência mais encomendas a pizzaria que ele trabalha irá receber. Nessa questão é interessante perceber, que de certa forma é um mecanismo de resistência à opressão que ele sofre no seu serviço, logo para combater isto ele usa das artimanhas que estão as suas mãos.

Com relação às pessoas que ele se relacionava dentro do enredo do filme, Mookie se interagia com praticamente todos os personagens que foram apresentados no filme. Todavia, existiam dois núcleos que ele mantinha mais diálogo, o núcleo feminino, representado pela sua irmã Jade, pela sua namorada Tina, e o outro seria o da pizzaria que é representado por Sal, o dono da pizzaria (Danny Aiello) e os seus filhos Pino (John Turturro) e Vito (Richard Edson) que auxiliam seu pai na pizzaria.

A relação que ele tinha com sua irmã e a sua namorada era de um jogo de poder bastante interessante, Spike Lee em seus filmes tem como marca, criar

personagens femininos fortes, em “Faça a coisa certa”, as duas personagens femininas que mais interagem com Mookie detêm um poder de controle muito forte diante dele, apesar dele conseguir burlar em alguns momentos ambas. Sua irmã cobra ele sobre as responsabilidades econômicas da casa que eles vivem, no qual, ele não tem muito interesse em cumprir com as obrigações que ela exige isso faz com quem ela conseguiu controlar ele em situações, no qual, ele tenta impor sua posição de irmão mais velho, por exemplo, existe um momento do filme, no qual, Mookie demonstra ciúme de Jade com relação a Sal, após uma pequena discussão, ela acaba por lembrar a ele que não tem direito de fazer esse tipo de cobrança a ela, mesmo ele insistindo, ela resolve dá pouca atenção a suas reclamações, abaixo segue a descrição da cena:

“A conversa acontece na rua ao lado da pizzeria, após Mookie resolveu conversar em particular com Jade, por entender que Sal tem um interesse romântico por ela. As falas do dialogo são as seguintes: Mookie: Não quero que venha mais aqui. Jade: Para de besteira. Mookie: Ouça, não entre mais aqui. Jade: Por que ficou tão bravinho? Mookie: É o jeito como Sal te olha. Jade: Ele está sendo simpático. Mookie: Simpático (gritando)! Jade: É totalmente inocente. Mookie: Inocente (gritando novamente)! Jade: Você me ouviu. Mookie: Sal só quer é esconder o salame. Jade: Você é um grosso, Mookie. Mookie: Admito, sou grosso. Não volte mais no Sal. Você não é bem-vinda. Jade: E ainda tem coragem! Te digo algo pela última vez. Não vem dar uma de irmão mais velho (gritando)! Sou bem crescadinha (gritando)! Você mal paga o aluguel, e vem querer mandar em mim? Saí dessa! (gritando de forma enfática). Mookie: Isso não faz sentido. Jade: Não faz, é? (irônica) Ganha seus 250 dólares mais gorjetas. Mookie: Estou recebendo. Jade: Ninharia. Mookie: Vou trocar de emprego logo. Jade: É? Quando? Mookie: Não se preocupe. Jade: Quando, Mookie? Mookie: Não se preocupe. Jade, não venha mais aqui. Jade: Não estamos mais falando disso. Cansei de sustentar um marmanhão. Quero saber quando arrumará sua trouxa. Mookie: Não aparece mais aqui no Sal. Jade vai embora e deixa ele falando só, ele tenta encerrar dizendo ‘E chega de pizza!’.”⁶

Já na interação social com a sua namorada Tina, que é também a mãe do seu filho Hector. Similar à relação com a sua irmã, sua namorada trata ele como um sujeito sem responsabilidade, que não se preocupa com ela e nem com o seu filho. Apesar de manterem uma relação “quente”, Spike Lee usa a edição de imagem e fotografia na cena, no qual Mookie vai realizar uma entregue na casa de Tina, e termina por tendo um breve encontro amoroso com ela⁷, que deixa o clima mais quente entre os dois, usando a alta temperatura climática do ambiente, como, uma metáfora narrativa para a situação que acontece entre os dois. Logo, os dois vivem uma relação cheia de intensidade, no qual, ela vive sendo enfático na cobrança dele ser mais presente e responsável, porém mantém um romance bem intenso.

A relação que ele mantém com o núcleo do seu trabalho é cheia de embates acalorados, mas de fraternidade também, dependendo também de quem Mookie está relacionando na família que comanda a pizzeria. Um ponto que se tem de destacar também é a diferença étnica entre os personagens, se com sua irmã que é negra, e a sua namorada que é uma latina (porto-riquenha) esse tipo de embate não existe, por se tratarem duas de etnias marginalizadas nos subúrbios novo-yorkinos. O mesmo não acontece com os ítalo-americanos, que apesarem de possuírem um estereótipo ligado a máfia italiana que comandou os negócios sujos das grandes

⁶ Essa acontece entre os minutos 1h14min25seg até 1h15min35seg.

⁷ O recorte acontece entre os minutos 1h17min59seg até 1h23min22seg.

metrópoles estadunidenses na primeira metade do século XX (a máfia não acabou-se, todavia a visão estereotipada com relação aos ítalo-americanos é uma construção que se deu a partir de sujeitos, como, Al Calpone). Existe no caso de Mookie com seu patrão e seus filhos é um embate étnico-racial.

Mas, como já falei no parágrafo supracitado existiam diferenças na relação de Mookie dependendo de quem ele estaria relacionando dentro do núcleo da pizzaria. A situação mais harmoniosa seria com o filho mais novo de Sal: Vito, a relação dele com Mookie era de amizade, os dois se respeitavam, e tinha gostos parecidos relacionadas a questões do cotidiano, como, música, esporte. No caso, de Mookie e Vito, o espectador podia diagnosticar uma cumplicidade entre ambos.

Com Sal, já podia se diagnosticar um enfrentamento mais acirrado entre os dois, bastante relacionado ao que já tinha escrito anteriormente de que Mookie não demonstrava grandes responsabilidades com o seu trabalho. Apesar desse embate, os dois se respeitavam, uma cena interessante é a última do filme entre os dois, após as consequências do evento do ato final, os dois iniciam uma conversa se confrontando, todavia terminam de forma respeitosa, recorte bastante simbólico por mostrar como funcionava a relação dos dois, abaixo segue a descrição da cena:

Mookie caminha em direção a pizzaria de Sal que foi destruída na noite anterior após o assassinato de Rádio Raheem pela polícia. Mookie inicia a conversa chutando uma lata que está na calçada em direção a uma lata de lixo, após isso se inicia o dialogo – Sal: O que você quer? Mookie: Minha grana. Quero receber. Sal: Você não trabalha mais aqui. Mookie: Sal, quero meu dinheiro. Sal: Seu dinheiro não daria para pagar as janelas que quebrou. Mookie: Foda-se a janela. Rádio Raheem está morto. Sal: Eu sei. Eu estava aqui. Esqueceu? (se levanta irritado e continua falando) Morreu por causa do amigo. O bosta que começou tudo isso. Ele é responsável pela sua morte. (os dois ficam de frente a frente) Ele queria me fechar. E você ficou parado, vendo eles queimarem tudo! Mookie: Também vi os tiras matando o Rádio Raheem. Você receberá do seguro. Sabe bem. Sal: Qual é o seu problema? Não tem nada a ver com dinheiro. Foda-se o dinheiro. Está vendo esse lugar? Construí esta merda com as minhas mãos! (aponta em direção pizzaria e começa a gritar) Todas as lâmpadas, cada azulejo! Eu, com essas mãos! Sabe que diabos significa? (continua gritando) Mookie: Pague a merda do meu dinheiro. É isso que significa. Sal: Quanto eu te devo? Mookie: O salário é \$250 por semana. Sal: Uma. Duas. Três. Quatro. Cinco (começa a jogar notas de cem dólares em direção a Mookie). Tem \$500 dólares. Ficou rico. Está feliz? Feliz agora? Ele tem \$500 dólares! É da pesada! É um homem rico! Nunca mais terá problemas! Não Mookie! Ele ficou rico! (começa a gritar para toda pessoas que estivesse na rua pudesse ouvi). Mookie: Com quem está gritando? Sal: Está rico, Mookie. Você é um puta Rockefeller. Já pegou sua grana. Me deixa em paz. Mookie: Ganho \$250 por semana. (joga duas bolas de dinheiro em direção a Sal). Te devo cinquenta. Sal: Pode ficar. Mookie: Fica você. Sal: Pode ficar. Mookie: Fica você. Sal: Não acredito nisso. Mookie: Pois acredite. Sal: Você está doente? Mookie: Estou morrendo de calor,mas estou bem. Sal: Disseram que hoje ficará mais quente ainda. O que você vai fazer da vida? Mookie: Ganhar dinheiro. Receber. Sal, preciso ver meu filho, se não se importa. Os dois ficam em silêncio e Mookie recolhe duas notas de \$ 100 que está no chão e vai embora, Sal fica observando em silêncio.⁸

Já a relação com o filho mais velho de Sal: Pino, não era nada fácil. Os dois viviam brigando a todo o momento, principalmente devido a determinadas práticas

⁸ A cena acontece entre os minutos 1h48min05seg até 1h51min00seg.

racistas realizadas por Pino em quase todas as interações que teve com Mookie. Os dois não se gostavam, e muito menos se respeitavam, porém, da parte de Mookie ele não dava muita atenção às ações racistas de Pino, respondendo suas provocações de forma sutil. Todavia, teve uma cena dialogo bastante emblemática entre os dois, que é quando Mookie tenta entender toda essa raiva pelos negros por parte de Pino, abaixo segue a descrição da cena:

Mookie chama Pino pra conversar após uma discussão dos dois sobre o uso do telefone da pizzaria. Mookie: Podemos conversar. Pino: O quê? Mookie: Qual jogador de basquete prefere? Pino: Magic Johnson. Mookie: E o ator favorito? Pino: Eddie Murphy. Mookie: E cantor de roque? Prince (respondendo após um momento de silêncio dele). Gosta do Prince. Pino: Não, Bruce. Mookie: Vive falando que preto isso, preto aquilo, e seus favoritos são pretos. Pino: É diferente. Magic, Eddie, Prince não são pretos. Digo, não são negros. Quero tentar explicar. Não são negros de verdade. São, mas não são muito. São mais que negros. É diferente. Mookie: É diferente? Pino: Pra mim é. . Mookie: No fundo, você queria ser negro. Pino: Que merda é essa? (começa a ri) Mookie: Ria o quanto quiser. Mas seu cabelo é mais pixaim que o meu (aponta pra o seu cabelo). O que isso significa? Sabe o que dizem dos italianos mais escuros. Pino: Ando ouvindo, e lendo... Mookie: Você anda lendo? Pino: Eu leio. Tenho lido sobre os seus líderes. Reverendo Al Sharpton. Jesse, "Mantenha a Esperança" (imitando a voz do reverendo). Mookie: Aí é demais. Pino: "Mantenha a Esperança." Mookie: Não fale de Jesse. Pino: E tem o outro... Como se chama? Farraman? Farrakhan? Mookie: Pastor Farrakhan. Pino: Perdão. Pastor Farrakhan. Esse tal de Farrakhan sempre fala de um tal dia... Quando os negros se insurgirão... "Um dia, reinaremos na terra como em nosso passado glorioso." Mookie: Verdade. Pino: Que passado? Perdi alguma coisa? Mookie: Criamos a civilização. Pino: Continue sonhando. Aí você acordou! Mookie: Foda-se você e sua pizza. Foda-se Frank Sinatra. Pino: É? Foda-se você também, e Michael Jackson. Após isso o filme passa repassar a fala de vários membros etnias diversificadas, falando mal das etnias que se fazem presente no filme.⁹

O dialogo nesse momento entre Pino e Mookie é bastante interessante, e pode ser até usado em sala de aula, como uma forma de mostrar a valorização da cultura negra, e que o racismo está no desconhecimento ou na própria ignorância ou em uma raiva que não consegue explicar de forma convincente o motivo de tanto ódio, que era o que acontecia com o personagem de Pino, um sujeito racista, que não conseguia explicar os motivos de ser racista. A Melhor ferramenta usada por Mookie pra combater o racismo é entender o racista, percebendo quais são as suas finalidades, e o que o levam ser assim.

Iremos agora problematizar sobre um dos personagens mais interessante do filme, Buggin Out (ou Chatonildo, como foi traduzido para versão brasileira). Melhor amigo de Mookie, Chatonildo, apesar de não se fazer tão presente no filme, como, Mookie ou Prefeito, sua presença é ainda bastante marcante, principalmente nos momentos de maior tensão do filme. Chatonildo é um jovem negro, que tem orgulho de sua etnia, e isto é demonstrado através de vários elementos da composição do seu personagem, indo desde sua roupa junto com os assessórios, a forma de falar, e também os círculos de amizade, no qual, ele está inserido.

⁹ A cena inicia-se partir 00h45min56seg e estende-se até 00h47min45seg.

É nas cenas em que ele está envolvido que há os maiores embates entre brancos e negros, como, por exemplo, na primeira cena que ele discute com Sal¹⁰, porque na pizzaria no setor da parede da fama só existiam personalidades ítalo-americanas (Al Pacino, Frank Sinatra, Robert de Niro), na visão de Chatonildo em uma pizzaria localizada no bairro negro, mesmo sendo, de um ítalo-americano, e não existisse uma fotografia de uma grande personalidade negra era um ultraje, isso gerou tal discussão na pizzaria que ele acabou sendo expulso, todavia, em vários momentos do filme ele tentava conseguir pessoas na comunidade que o apoiasse em um boicote contra a pizzaria do Sal até o momento que ele também colocasse fotografias de grandes personalidades negras na parede da fama até pizzaria. Ele até consegue pessoas pra lhe ajudar no boicote, na verdade duas pessoas Rádio Raheem e Sorridente, que ajuda ele no ato final do filme, que tem consequências trágicas na trama.

Chatonildo é um personagem que foi criado por Spike Lee para “Faça a coisa certa” para ser esse símbolo de resistência através dos seus atos, mas também através de sua roupa, do seu penteado, de linguagem verbal e corporal, e o cuidado que Spike Lee tem em mostrar essas questões simbólicas é bastante perspicaz, tendo o cuidado em enquadrar esses símbolos, como por exemplo, seu Air-Jordan¹¹, no qual ele tem um cuidado diferenciado, em uma cena do filme ele chega a brigar no homem branco que distraído pisa no seu tênis e o suja, nesse breve dialogo, percebemos vários exemplo de resistência do movimento negro nos Estados Unidos, como, por exemplo, os panteras negras, o *apartheid* social que continuava a existi na sociedade estadunidense pelo simples fato de um sujeito ter danificado seu Air-Jordan.¹²

Sendo, também outro personagem que se podem utilizar trechos do filme em sala de aula para problematizar as questões étnico-raciais, focando principalmente em questões da resistência do movimento negro atualmente, como também, mostrando o alunado exemplo de como a cultura pop e do consumo pode ser usado, como, mecanismo de resistência da causa racial por parte de sujeitos que lutam pelo movimento negro ou por questão racial.

Outro personagem peculiar que foi apresentado no filme é o Mayor ou prefeito (na versão brasileira). Junto com Mother sister são os personagens mais velhos da película, todavia a visão que os mais jovens têm deles é bastante distinta, enquanto a Mother sister é respeitada na comunidade, o Prefeito é um sujeito, no qual, algumas pessoas respeitam no filme, entre eles Sal e Mookie, diferentes de outros personagens não o respeitam isso se deve principalmente a sua fama de alcoólatra no bairro. Todavia, o Prefeito também é um personagem marcante por representar a sabedoria e a experiência de ter vivido no período de maior e desigualdade racial e social da população negra no pós-abolição nos Estados Unidos, tendo vivido no período anterior a movimento pelos diretos civis, época em que as desigualdades eram gritantes entre negros e brancos na sociedade estadunidense.

¹⁰ O recorte inicia-se a partir de 00h18min26seg e termina em 00h21min50seg. Por ser uma cena bastante extensão optamos por não descrever os diálogos, e também por não ser uma conversação direta de Sal e Chatonildo, outros personagens como Mookie, Vito e Pino também participam da interação na cena.

¹¹ Tênis esportivo da empresa estadunidense de acessórios esportivo *Nike*, criado na década de 1980, inspirado no famoso jogador de basquete Michael Jordan, que se popularizou bastante nos Estados Unidos, a partir dos anos 1980.

¹² A cena ocorre entre 00h34min44 seg e 00h36min26seg. Por não ser uma cena de dialogo direto entre os personagens (por envolvimento de outros sujeitos), também optamos por não realizar a descrição das falas.

Por isso, de certa forma Spike Lee constroem um personagem que tem o dever de proteger a comunidade e os jovens que residem nela. E, isso é apresentado em vários momentos do filme, por exemplo, quando ele protege os jovens que abriram o hidrante de água pra se refrescar e acabaram por molhar o cadillac de um sujeito que estavam passando naquele momento, ele fala palavras sem sentido, com a finalidade de não se comprometer e também não prejudicar aqueles que estavam burlando a lei, logo a caricatura dele de um sujeito alcoólatra que passa o dia caminhando pelas ruas do bairro é pertinente nesse momento¹³, ou quando ele salva um garoto de ser atropelado quando está correndo atrás do carro do sorvete.¹⁴ Ambos os exemplos dão ideia de como o personagem do Prefeito é importante para aquela comunidade, sendo uma escolha de Spike Lee de homenagear aqueles patriarcas negros que presenciaram alguns dos momentos mais tristes da história recente do mundo sob a questão racial em uma nação que se prega como o símbolo da democracia, mas que por muito tempo mantinha de forma institucionalizada o racismo em vários Estados da União.

Para finalizar a terceira parte do artigo iremos analisar dois personagens que pouco tiveram falas no filme, mas que suas ações representaram uma resistência simbólica bem pertinente no filme. Que foram Sorridente e Rádio Raheem, o primeiro é um sujeito que é apresentado com algum tipo de deficiência, que tem como grande função no filme vender a fotografia famosa do movimento dos direitos civis de Malcolm X e Martin Luther King sorrindo junto, o segundo é um jovem negro alto e forte que caminha pelas ruas do bairro com um grande gravador de som nas suas costas escutando o rap do grupo estadunidense "Public Enemy"¹⁵, escutando com volume no seu máximo um dos grande *single* do grupo "'Fight the Power".

Os dois personagens, a sua maneira consegue simbolizar a luta pela resistência da luta racial dos negros estadunidense, enquanto Sorridente anda pelas ruas do bairro se locomovendo com uma fotografia dos dois principais personagens da luta do movimento dos direitos civis na década de 1960, e que mesmo com dificuldade em falar, consegue passa a mensagem de forma direta que a luta deve permanecer constante no cotidiano dos homens e mulheres negras dos Estados Unidos. Já Rádio Raheem faz essa ação simbólica a partir da música ecoada no seu gravador que clama pela luta do poder negro no cotidiano contra a opressão racial por parte dos brancos.¹⁶ Realizando ataques a figuras importantes da cultura estadunidense que eram brancas, como, Elvis Presley e John Wayne.

Porém, os momentos finais desses sujeitos no filme são os que têm de maior destaque a nosso ver, Sorridente consegue realizar a vontade de Chatonildo, e coloca uma fotografia de Martin Luther King e Malcolm X na parede da fama pizzeria de Sal que foi destruída após assassinato de Rádio Raheem pelos policiais. Que foi uma consequência de uma briga entre Rádio Rahhem com Sal, iniciada após o dono de a pizzeria ter destruído seu gravador por ele não obedecido sua regra de não ter

¹³ Essa cena acontece no período entre os minutos 00h25min54seg e 00h30min16seg.

¹⁴ O recorte dessa cena está entre os períodos de 01h11min28seg e 01h13min42seg.

¹⁵ Public Enemy é um grupo de hip hop norte-americano composto por Chuck D, Flavor Flav, DJ Lord (que substituiu Terminator X, em 1999), o grupo S1W, Music Director Khari Wynn e Professor Griff que foi demitido do grupo por comentários anti-semitas em 1990, mas voltou mais tarde, em 1998. Formado em Long Island, Nova York, em 1982, Public Enemy é conhecida por suas letras politicamente carregadas e críticas da mídia americana, com um interesse ativo nas frustrações e preocupações da comunidade afro-americana. Retirada do site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Public_Enemy, no dia 10/12/2018 às 09h45min.

¹⁶ A letra original e sua versão traduzida pode ser encontrada no seguinte site: <https://www.letas.mus.br/public-enemy/31847/traducao.html>.

som na pizzaria, e Rádio Raheem que havia sido contrariado por Sal em outro momento do filme por situação similar, todavia sem os fins trágicos que o segundo encontro entre os dois ocasionou.

Sendo assim, Rádio Raheem e Sorridente foram os personagens construídos por Spike Lee para a “Faça a coisa certa” que apesar de uma menor participação através de diálogos verbais, porém são carregados de elementos simbólicos e subliminares que supera os demais.

E, entre os personagens do filme sejam aqueles que pode proporcionar inúmeras discussões e debates em sala de aula, desde sujeitos excluídos no seu meio, por não representarem a normalidade pré-estabelecida, até por serem personagens que simbolicamente melhor represente no período que foi lançado o filme pelo movimento da luta racial nos Estados Unidos, que podem muito bem ser usado, como, ponto catalisador para análise de questões para educação nas relações étnico-raciais no país da produção do filme, e também no Brasil um país que a maioria da população é de afrodescendente (ao contrário dos Estados Unidos que a maioria é branca), porém passam por problemas sociais em alguns casos semelhantes aos afro estadunidense, sendo maioria nos dados estatísticos oficiais, todavia são marginalizados na sociedade através de questões sociais, política, econômica e raciais em relação a elite minoritária branca.

Considerações Finais

A relação entre história e cinemas se torna importante a cada dia mais nas discussões acadêmicas, como, um documento histórico que possibilita um leque de questões que podem ser trabalhadas por parte da historiografia, expandindo ainda mais a abrangências de problemáticas e objetos que podem ser estudadas na história.

Quanto à abordagem do cinema em sala de aula, como ferramenta pedagógica do ensino de história para educação básica. Os debates no campo educacional se manter bastante forte, isso porque os professores tentam buscar a maneira mais correta de exibir as películas em sala de aula, com o objetivo de tornar a temática mais interessante no olhar do jovem e do adolescente, e, além disso, buscar uma forma de facilitar a aprendizagem do alunado, usando uma plataforma que sendo utilizada da forma correta, pode ser bastante didática.

Nesse artigo foi citado que as discussões sobre a melhor forma de usar o cinema em sala de aula foram iniciadas já no início do século XX, quando o debate girava se o uso do cinema é adequado ou não, e que tipo de filmes poderiam ser usado no contexto escolar, fazendo referência a PERREIRA & SILVA 2014, as mesmas autoras lembraram que a historiografia, junto com a pedagogia atual orienta que os professores usem dos programas de edição de imagem, com a finalidade de recortar as cenas a serem usadas, e com isso aperfeiçoar o tempo em sala de aula, e também não tornar cansativas as exhibições de filmes durante as aulas, compreendendo que existem filmes que chegam ultrapassar até os 120 minutos.

E, se consideramos filmes quem podem ser utilizados como ferramenta pedagógica em sala de aula, para compreender e debater as temáticas relacionadas à educação étnico-racial, a filmografia de Spike Lee contém uma quantidade considerável de filmes que pode ser usados para esse fim. Percebemos isso, na nossa análise sobre o filme “Faça a coisa certa” (1989), um filme que em 2019 completará 30 anos do seu lançamento, mas que continua possibilitando o debate

sobre questões que podem ser abordadas na contemporaneidade, a exemplo, do racismo estrutural na sociedade, violência policial, e desigualdade social e econômica, e também movimentos políticos que lutam pela defesa da causa negra nos Estados Unidos ou no Brasil (acrescentando que os afrodescendentes nos dois países passam por situações similares no seu dia a dia, apesar das claras diferenças culturais, sociais e política dos dois países).

Portanto, defendemos que o professor de história pode abrir espaço para exibição de produções cinematográficas em sala aula, sejam filmes ficcionais ou documentários. Além da realização de uma escolha sobre que filme deve ser trabalhado em sala de aula, a questão também é como ele vai ser usado, e de que forma o docente irá realizar sua abordagem, considerando as características próprias do seu alunado, que estão inseridos em uma geração dinâmica, pós-advento da internet, e principalmente das mídias sociais.

Usar o cinema em sala de aula não é fácil, o professor de história tem que ter muito cuidado em que a exibição do filme não fuja do seu propósito, que é iniciar um debate sobre a temática que já vem sendo abordada em sala de aula, através de outras ferramentas pedagógicas. O docente tem que se lembrar de que o filme não pode ser usado como ilustração imagética do passado por si só, como também não pode representar um exemplo de que a “verdade” está naquele filme. Antes de tudo, o professor deve apresentar os interesses do diretor daquele filme, questionar suas intenções, evitar a exibição de cenas que sejam anacrônicas ou se exibi-las problematizar com alunado as intenções por parte da escolha do seu cineasta.

E, sobre filmes que podem ser utilizados como objeto de problematização sobre questões da temática étnico-racial, sugerimos a filmografia de Spike Lee, que não demonizam as etnias diferentes da qual ele se identifica, sobretudo a dos descendentes de imigrantes europeus (ingleses, italianos, irlandeses, entre outras), como também não apresentam os afrodescendentes de forma estereotipada, a intenção de Lee é ser militante também da causa racial através da sua arte, todavia sem esquecer das particularidades cotidianas que as relações étnico-raciais tem na sociedade estadunidense.

Referências

- BIRDWELL, Sarah. **Negação e falta de representação: “tv negra” no Brasil e nos Estados Unidos**. In: VIEIRA, Vinícius Rodrigues, JOHNSON, Jacquelyn, Ed (s). Retratos e Espelhos : Raça e Etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos. São Paulo : FEA/USP, 2009, p. 245-266.
- BRANDÃO, João Lucas França Franco. **80’s So White: O cinema incendiário de Spike Lee em *Faça a coisa certa* (1989)**. 88f. Monografia (bacharelado e licenciatura) – História. Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 17^a ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CUSTÓDIO, Túlio. **Caminhos e trajetos: a trajetória intelectual de Abdias do Nascimento durante o período de exílio nos Estados Unidos (1968 - 1981)** In: VIEIRA, Vinícius Rodrigues, JOHNSON, Jacquelyn, Ed (s). Retratos e Espelhos : Raça e Etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos. São Paulo : FEA/USP, 2009, p. 141-163.
- FERNANDES, Ana Claudia Florindo. **O rap e o letramento: A construção da identidade e a constituição das subjetividades dos jovens na periferia de São Paulo**. 273f. Dissertação (Mestrado) - Educação, área de concentração Psicologia e Educação. Universidade de São Paulo, 2014.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução Flávia Nascimento. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1992.
- KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo : Contexto, 2007.
- MOLINA, Thiago dos Santos. **A cultura negra como premissa da cultura escolar: reflexões sobre educação multicultural e afro-centrada nos Estados Unidos**. In: VIEIRA, Vinícius Rodrigues, JOHNSON, Jacquelyn, Ed (s). Retratos e Espelhos : Raça e Etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos. São Paulo : FEA/USP, 2009, p. 359-379.
- NAPOLITANO, Marco. **Fontes Audiovisuais: A História depois do papel**. In: PINSKY, Carla Bassanezi, Org. Fontes Históricas. 2.ed., 1^a reimpressão.— São Paulo : Contexto, 2008, p. 235-289.
- PEREIRA, Lara Rodrigues; SILVA Cristiani Bereta da. Como utilizar o cinema em sala de aula? Notas a respeito das prescrições para o ensino de História. **Revista Espaço Pedagógico**. Passo Fundo, Editora UPF, v. 21, n. 2, jul./dez. 2014.
- VIEIRA, Vinícius Rodrigues. **A herança presente: a luta por igualdade nos EUA em meados do século XX**. In: VIEIRA, Vinícius Rodrigues, JOHNSON, Jacquelyn, Ed (s). Retratos e Espelhos : Raça e Etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos. São Paulo : FEA/USP, 2009, p. 23-42.

FILMES

FAÇA a coisa certa. Direção: Spike Lee. Produção: Spike Lee, Monty Ross. Intérpretes: Spike Lee, Rosie Pérez, Danny Aiello, Samuel L. Jackson, Giancarlo Esposito, John Turturro, Bill Nunn, Ruby Dee, Ossie Davis, Richard Edson, Joie Lee, Roger Guenveur Smith e outros. Roteiro: Spike Lee. Fotografia: Ernest R. Dickerson. Nova York: 40 Acres & a Mule Filmworks, 1989. (120min), son., color.

FEBRE da Selva. Direção de Spike Lee. Universal City: Universal Pictures, 40 Acres & a Mule Filmworks, 1991. (121min), son, color.

INFILTRADO na Klan. Direção de Spike Lee. Los Angeles: Blumhouse Productions, Focus Features, 2018. (136min), son, color.

MALCOLM X. Direção de Spike Lee. Nova York: 40 Acres & a Mule Filmworks, JVC Entertainment, Largo International N.V, Marvin Worth Productions, 1993. (201min), son, color.

